

## FIGURAÇÕES DO LUTO NO CONTO “OS PÁSSAROS” DE KENZABURO OE

## GRIEF FIGURES IN THE TALE “OS PÁSSAROS” BY KENZABURO OE

## CIFRAS DEL LUTO EN EL CUENTO “OS PÁSSAROS” DE KENZABURO OE

Matheus de Souza Julião<sup>1</sup>  
Márcia Maria de Medeiros<sup>2</sup>  
Luiz Alberto Ruiz da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** O luto é definido como um processo inerente à existência pelo qual todas as pessoas passarão em um determinado momento de suas vidas. O objetivo deste artigo é analisar as figurações do luto no conto “Os Passáros” de Kenzaburo Oe. O trabalho partiu de considerações sobre o luto definidas por Menezes e Medeiros (2020), Solano (2014) e Santos (2014). Conclui-se que o sentimento de luto é expresso de diferentes maneiras pelos personagens: em alguns casos, eles optam por fugir da dor, projetando os sentimentos que estão ocultos no outro e na forma como este outro vivencia o luto.

**Palavras-chave:** Luto. Tanatologia. Tanatopedagogia. Literatura. Ensino em Saúde.

**Abstract:** Grief is defined as a process inherent to existence that all people will go through at a certain point in their lives. The purpose of this article is to analyze the figurations of mourning in the short story “Os Passáros” by Kenzaburo Oe. The work started from considerations about grief defined by Menezes and Medeiros (2020), Solano (2014) and Santos (2014). It is concluded that the feeling of grief is expressed in different ways by the characters: in some cases, they chooses to run away from the pain, projecting the feelings that are hidden in the other and in the way this other experiences grief.

**Keywords:** Grief. Thanatology. Thanatos Pedagogy. Literature. Health Education.

**Resumen:** El luto es definido como um proceso inherente a la existencia por lo cual todas las personas pasarán en un determinado momento de sus vidas. El objetivo del artículo es analizar las figuraciones del luto en el cuento “Os Passáros” de Kenzaburo Oe. El trabajo partió de las consideraciones sobre el luto definidas por Menezes y Medeiros (2020), Solano (2014) y Santos (2014). Se concluye que el sentimiento de luto es expreso de diferentes maneras por los personajes: en algunos casos, ellos optan por huir del dolor, proyectando los sentimientos que están ocultos em el outro y em la manera como este otro vivencia el luto.

**Palabras-clave:** Luto. Tanatología. Tanatopedagogia. Literatura. Ensino em salud.

Submetido 29/11/2021

Aceito 03/03//2022

Publicado 17/08/2022

<sup>1</sup> Graduando. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. ORCID: 0000-0003-2511-0196. E-mail: matheus.s-j@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Letras. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. ORCID: 0000-0002-1116-986X. E-mail: marciamaria@uems.br

<sup>3</sup> Mestre em Ensino em Saúde. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. ORCID: 0000-0002-3257-1196. E-mail: luizalberto@uems.br

## Introdução

Definir o significado do luto é um processo de grande complexidade, isto porquê cada ser humano constitui-se em elemento singular na sociedade de que faz parte. Assim, as pessoas que vivenciam processos relacionados a perda de entes queridos ou de objetos de sua afeição, possuem também maneiras diferentes de aceitar e lidar com os sentimentos que envolvem estas perdas (MENEZES, MEDEIROS, 2020).

Silva (2014) indica que o luto é um objeto de estudo em relação ao qual vários pensadores e pensadoras se debruçaram, buscando encontrar uma definição que lhe dê sentido. Cabe salientar que o gatilho disparador do luto costuma ser relacionado a uma perda significativa para a pessoa que passa pelo processo e, mais costumeiramente, o mesmo está associado a morte de um ente querido e ao significado que esta morte possui em relação a pessoa enlutada. Sobre o assunto indica Silva que:

O deparar-se com a morte do outro marca nosso primeiro contato com a finitude, ampliando nossa própria consciência da mortalidade. Compreender os aspectos relacionados à morte e ao processo de morrer é fundamental para o amplo entendimento do luto, experiência igualmente universal e observada ao longo da história da humanidade nas mais diversas culturas (Silva, 2014, p. 71).

A partir da citação acima transcrita, pode-se compreender que o luto é um fenômeno desencadeado pela perda de uma pessoa com a qual se mantinha um vínculo de afeto, devido a sua morte. Cabe salientar que outras condições também podem levar a manifestação dessa dor emocional como por exemplo, mudanças em relação ao local de trabalho ou residência e mesmo no arranjo familiar (um divórcio). A grande questão a ser observada no que se refere ao luto vivido em decorrência da morte de alguém é que esse sentimento expressa irreversibilidade e, portanto, não pode ser desconsiderado.

Pensando neste sentido o presente artigo busca analisar como as diferentes personagens que compõe a narrativa “Os Pássaros” escrita por Kenzaburo Oe, vivenciam o processo do luto. De que maneira as figurações do luto marcam as suas atitudes diante da perda enfrentada no âmbito familiar? Que formas de realizar o enfrentamento desse sentimento cada uma dessas personagens adquire e como elas o fazem?

Para resolver esta problematização, o artigo optou por trabalhar com a seguinte estrutura: uma apresentação do autor e do conto; uma análise das figurações do luto presentes no texto literário a partir das considerações de Menezes e Medeiros (2020), Solano (2014) e Santos (2014); e as considerações finais sobre o assunto.

### **Kenzaboru Oe e o conto “Os Pássaros”**

Kenzaburo Oe é um escritor japonês, nascido em 31 de janeiro de 1935, na cidade de Ose, província de Ehime, em Shikoku. Oe era o terceiro filho de sete irmãos. Ao completar seis anos de idade, teve que lidar com a morte de seu pai, durante as lutas envolvendo o Japão e os Aliados, no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Oe iniciou seus estudos em Literatura Francesa na Universidade de Tóquio, e no ano de 1957, aos 22 anos, conquistou o Prêmio *Akutagawa*, considerado pela crítica como a mais importante premiação da literatura japonesa, devido ao conto *Prize Stock*, no qual descreve o que acontece quando um grupo de homens de um pequeno vilarejo em uma ilha no Japão captura um soldado americano depois que o seu avião é derrubado. Após a publicação de *Prize Sotck*, Kenzaburo Oe iniciou sua carreira como romancista.

Sorte Júnior (2019) informa que a obra de Oe é fortemente marcada pelo existencialismo sendo que um de seus maiores influenciadores é o francês Jean-Paul Sartre. Segundo Sorte Júnior, essa influência se deve ao fato de que no momento em que Kenzaburo Oe cursava a graduação o movimento existencialista estava em seu auge, marcando toda uma geração de escritores e escritoras no contexto dos anos de 1950. Sobre o assunto é possível afirmar que:

O período em que Oe cursava literatura na Universidade de Tóquio corresponde ao momento em que os escritores existencialistas estavam em seu auge, e o autor foi fortemente influenciado pela literatura francesa moderna, principalmente por Jean-Paul Sartre, sobre quem escreveu seu trabalho de graduação. Oe também dedicou-se à leitura de autores norte-americanos como William Faulkner, Saul Bellow e o existencialista Norman Mailer, além de escritores japoneses que surgiram logo após o fim da guerra (...) (Sorte Júnior, 2019, p. 301).

No ano de 1964, Oe recebeu a notícia de que seu filho primogênito nasceria portador de uma anomalia cerebral. Esta questão serviu como base para a escrita do romance que lhe

concederia o prêmio Nobel de Literatura, cuja tradução em língua portuguesa é “Uma Questão Pessoal”, publicado no Brasil pela Editora Companhia das Letras em 2003. No texto em questão, Oe traz ao público os dramas vividos por um pai que, ao ter consciência sobre as limitações que a deficiência irá impor ao filho, passa a desejar que ele morra.

Sorte Júnior (2019) afirma que as obras de Oe, principalmente as que foram escritas entre os anos de 1950 e 1960 possuem um caráter no qual o autor expressa aspectos da vida cotidiana do Japão, relacionados às pessoas que cresceram no período do pós-guerra e sofrem as consequências desse processo, bem como de se tornarem adultas e maduras em meio à sociedade e à cultura japonesas de então, marcadas pelo isolamento individual e social.

O conto “Os Pássaros” foi publicado neste contexto, no ano de 1958. A narrativa conta sobre uma família que está enfrentando um drama relacionado à morte do pai. Cada membro desse clã enfrenta a situação de maneira diferente, sendo que o filho mais novo optou por abandonar o mundo exterior e trancar-se em seu quarto, no qual encontrava abrigo e segurança.

Cabe salientar que o jovem não acreditava estar sozinho, mas sim ser acompanhado por uma infinidade de pássaros que o cercavam e protegiam, conforme se percebe pela citação transcrita: “Por essa razão, ele vivia há mais de ano encerrado em seu quarto escurecido, tendo por companhia os pássaros que, dia e noite, vinham visita-lo em enormes bandos capazes de lhe lotar o aposento” (OE, 2011, p. 97).

A situação do jovem não é bem aceita pela família que opta por procurar ajuda profissional, o que leva o rapaz a ser internado em um manicômio, pois a mãe e os irmãos mais velhos entendem que o rapaz está sofrendo de algum tipo de transtorno mental. Para tanto um psicólogo é chamado à uma visita em domicílio a partir da qual o destino do menino dos pássaros é selado: depois de convidar o jovem a conhecer o seu laboratório e tentar fazer com que nele os pássaros se manifestem da mesma maneira que em seu quarto, o psicólogo arrasta o rapaz para um hospício, espaço em que se manifestam as mais prementes evidências de coerção física e uso de violência. A citação abaixo, retirada do texto de Oe demonstra essa questão:

- Não, não vou entrar, você está tentando me internar com o uso de recursos covardes, mas nessa não caio – replicou o rapaz, tomado de raiva.
- Pois você já entrou – disse o homem, tentando agarrar-lhe o braço à força.

O rapaz se desvencilhou, mas o homem curvou-se lentamente e lhe aplicou um doloroso soco na boca do estômago. O rapaz gemeu e com lágrimas escorrendo pelo rosto tentou dobrar-se, mas não conseguiu. Nem teve tempo de curtir direito a dor, já que, indiferente a tudo, o homem o empurrava com brutalidade e o levava rapidamente para um local que lhe pareceu ser a porta dos fundos do hospital (Oe, 2011, p. 102).

A brutalidade das ações com que o psicólogo e a suposta equipe de profissionais da saúde que trabalham no manicômio tratam o jovem acabam por reverberar em uma agressão física que o deixa bastante ferido, sendo que neste momento da narrativa, a mesma família que o havia internado o resgata e o leva novamente para casa e para o quarto que foi, durante um tempo, sinônimo de segurança e abrigo conforme expressam as palavras da mãe ao dizer: “- Pobrezinho, pobrezinho, como você deve ter sofrido! – sussurrou a mãe. – Eu o trouxe de volta de ambulância porque você se debatia demais, desesperado por vir embora, você queria ver seus pássaros, não queria?” (OE, 2011, p. 106).

No entanto, algo em relação ao conforto que o contato com os pássaros e o isolamento garantiam ao rapaz, fora rompido quando da sua internação brusca e realizada contra a sua vontade. Nesse contexto, tudo lhe parece sem sentido, inclusive a própria vida. Cabe salientar que o conto de Kenzaburo Oe revela o dissabor de uma existência marcada pela vulnerabilidade da natureza humana, permeada pelo que Roselló (2009) aponta como o sofrimento extremo, caracterizado pela ausência de refúgio.

Em síntese, a invasão da sua privacidade em um momento em que elaborava o luto pela perda do pai, fez com que o jovem fosse obrigado a encarar o seu sofrimento, de forma que se tornou impossível para ele perceber o ato de existir sem que o mesmo fosse mesclado com a dor da perda e com a incompreensão por parte dos familiares, a qual passa a ser também a maneira como ele reage em relação às demonstrações de carinho que recebe por parte da mãe arrependida:

Na certa terei de levar uma vida insuportável de agora em diante, sem visões de espécie alguma, pensou o rapaz cerrando os olhos, o corpo inteiro tremendo sem parar. Além de tudo, com uma mulher louca seguindo-me por toda parte... Ah!, que vida insuportável (Oe, 2011, p. 107).

A citação revela um sentimento de desesperança no sentido de que a vida que se lhe desdobra a frente não lhe permite “visões de espécie alguma”, ou seja, o sofrimento revelado pela morte do pai não lhe é mais oculto, tornando-se algo que o deixa exposto e fragilizado.

### **Figurações do luto na escrita de Kenzaburo Oe: um estudo de “Os Pássaros”**

Nas linhas que iniciam o conto “Os Pássaros”, é possível perceber que a história irá apresentar um enredo que possui características inerentes ao fantástico. Por enredo, neste artigo, utiliza-se a terminologia proposta por Franco Júnior, segundo a qual “(...) o conceito de enredo foi originalmente criado para identificar o modo como uma história é construída por meio de palavras (...) (Franco Jr., 2009, p. 37), as quais direcionam a pessoa que lê para que alcance a proposta narrativa do autor.

No que se refere ao conceito de fantástico, o âmbito deste trabalho o compreende a partir da premissa elaborada por Tzvetan Todorov, segundo a qual, os elementos que caracterizam o fantástico ocorrem a partir da incerteza, pois “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural (Todorov, 2008, p. 31), como se percebe pela citação abaixo transcrita:

O ruflar das asas de incontáveis pássaros o despertou. Era manhã, manhã de outono. Em torno do corpo estirado, inúmeros pássaros compactamente premidos uns contra os outros agitavam as asas de maneira contínua. As patas finas, duras e trêmulas cobriam as faces e a pele nua do peito, da barriga e das coxas do rapaz. Sem jamais piar ou esvoaçar, os pássaros que lotavam o quarto escuro empenhavam-se em bater asas repetidas vezes fazendo-as farfalhar como folhas numa floresta. Tudo indicava que um susto inesperado ou uma ansiedade súbita, por excessivos, tinham amedrontado os pássaros alvoroçando-os (Oe, 2011, p. 96).

A narrativa permite compreender que se trata de uma ação que irá se desenrolar durante o dia, em uma manhã de outono, algo concebível e compreensível enquanto realidade vivenciada. Porém, os elementos do fantástico se manifestam a partir do momento em que o texto apresenta um quarto no qual se encontra a figura masculina ainda deitada em seu leito, coberta por pássaros.

É perceptível também que os pássaros surgem na história como um elemento que serve para que o rapaz crie uma barreira em relação à realidade que o cerca e aos enfrentamentos que essa realidade exige que ele faça<sup>4</sup>. Os pássaros lhe servem enquanto companhia impedindo que ele sofra pelas ausências que lhe são impostas conforme o conto informa, quais sejam elas, a ausência do pai e dos irmãos:

De acordo com minha mãe, tudo isso aconteceu porque meu pai morreu – respondeu ele com exagerada objetividade. – Depois da morte de meu pai, meus três irmãos mais velhos me excluíram e formaram um grupo unido. Essa foi a causa, segundo minha mãe (Oe, 2011, p. 99).

Cabe salientar que o sofrimento causado pelo luto é um dos elementos que, de acordo com Roselló (2009) não se relaciona diretamente com qualquer tipo de enfermidade e muito menos com elementos que caracterizam a terapêutica médica. Segundo o autor, padecer pela ausência de alguém (caso da personagem de Kenzaburo Oe) é um tipo de sofrimento que pode causar adoecimento no sentido patológico do termo, mas no caso do conto, percebe-se que o rapaz passa a se utilizar de uma estratégia para enfrentar a morte do pai, já que ele não conta com o apoio familiar para tanto. Essa estratégia constitui-se em isolar-se em seu quarto e permanecer ali em companhia dos pássaros.

Embora a narrativa não ofereça maiores detalhes no que se refere à relação entre pai e filho, a maneira como o rapaz enfrenta a perda do pai permite entender que a mesma era profunda e que exigiu a elaboração de uma perda a partir da quebra de um forte vínculo afetivo (Silva, 2014). Daí o isolamento auto imposto pelo jovem a si próprio e que já dura certo tempo, como alude a citação abaixo:

Pela primeira vez em muito tempo vestiu o uniforme escolar e, dominando certa dose de dificuldade, calçou, pela primeira vez em muito tempo, o sapato embolorado, tarefa que lhe pareceu árdua. Meu pé engordou enquanto estive trancafiado neste quarto, pensou ele alegremente (Oe, 2011, p. 100-101).

---

<sup>4</sup> “Parem de bater as asas, vocês não têm nada a temer, ninguém poderá pegá-los. Esses sujeitos, gente do lado de fora, não têm olhos para vê-los nem ouvidos capazes de detectar o rufar de suas asas e jamais conseguirão apanhá-los” (Oe, 2011, p. 96).

A forma como o rapaz expressa o luto em relação à perda do pai, através do isolamento denota que ele percebia na presença paterna uma figura de apego através da qual obtinha conforto e proteção, e que lhe servia de apoio para o enfrentamento dos obstáculos da vida cotidiana. Perder essa figura e não contar com o mesmo envolvimento afetivo em relação à mãe e aos irmãos auxiliou no desenvolvimento de um padrão de comportamento considerado doentio pelos seus familiares.

De acordo com Maria Júlia Kovács quando um ente querido morre a experiência do luto faz com que a pessoa que permanece viva sinta naquela morte, a morte de si. Segundo a autora, a morte da pessoa amada “(...) é vivida como se uma parte nossa morresse, uma parte ligada ao outro pelos vínculos estabelecidos” (KOVÁCS, 2010, p. 153).

A ausência do pai provocada pela sua morte fez com que o jovem perdesse a sua referência, ou aquilo que poderia ser denominado de um porto seguro, para o qual o jovem retornava em busca de conforto e segurança quando em momentos de tensão, o que lhe permitia uma base segura e lhe proporcionava a autonomia necessária para o seu crescimento enquanto pessoa (SANTOS, 2014).

Seria o fato de ver o filho isolado a um tempo significativo que levou a mãe a entender esse processo como uma doença mental e buscar a solução através de uma ação terapêutica? Aos olhos dos familiares (vale lembrar que a mãe e os irmãos estavam também enfrentando o luto) o jovem isolado vivenciava o que Silva anuncia como sendo o chamado luto complicado no qual:

(...) o sofrimento diante da perda pode variar desde o adiamento, ou mesmo ausência, até uma tristeza devastadora. Nesses casos podem estar presentes também ideias suicidas e sintomas psicóticos. Envolve disfuncionalidade do sujeito, que pode perceber prejuízos em sua vida decorrentes do quadro clínico (Silva, 2014, p. 76).

O rapaz que abandonou a vida escolar, trancafiou-se em seu próprio quarto, passando a evitar a companhia das pessoas e a dizer que convivia com pássaros que somente ele via, ouvia e sentia, enquadra-se na descrição proposta por Silva (2014). Some-se a isso o fato de ele manifestar ainda, em termos de padrão de comportamento a incapacidade de readaptar-se a vida cotidiana por entender que a mesma não apresentava sentido, bem como não fazia sentido conviver com ou conhecer outras pessoas:

- Porque me dei conta de que, excetuando os pássaros, todos eram estranhos para mim. Porque percebi claramente que fora deste quarto só havia estranhos – respondeu o rapaz com franqueza. – Acho que, a certa altura da vida, surge em todo o ser humano a tendência a evitar a convivência com estranhos. E, comigo, isso se deu por ocasião do meu vigésimo aniversário (OE, 2011, p. 99).

Menezes e Medeiros (2020) apontam para a necessidade de que a pessoa enlutada vivencie a dor do luto enquanto processo que permite ressignificar a existência, tanto a da própria pessoa enlutada quanto da pessoa que morreu, no sentido de construir para essa pessoa um lugar de memória que possibilite a quem permanece vivo o entendimento de que é a vida continuará sem a presença do ente querido. Trabalhar os sentimentos de tristeza e raiva, bem como a decepção gerada pela perda permite que a pessoa que vive o luto alcance a capacidade de lidar com a ausência. Na opinião de Assumpção (2011), este processo é absolutamente necessário, pois somente assim a dor da perda consegue ser absorvida.

Esse processo de vivência da perda e elaboração dos sentimentos que a mesma acarreta são importantes para o desenvolvimento humano, possibilitando que, através dele haja uma internalização do outro na memória da pessoa enlutada, promovendo o que Kovács anunciará como luto elaborado (KOVÁCS, 2010).

No conto “Os Pássaros”, cada membro da família realizou este processo de ressignificação de maneira diferente: a mãe passou a preocupar-se com a saúde mental do filho (não necessariamente no sentido de auxiliá-lo a superar a morte do pai); os irmãos mais velhos uniram-se mais ainda, sendo que essa leitura permite entender que o jovem isolado era o filho mais novo, desprezado pelos irmãos enquanto companhia; já o rapaz, ao sentir-se sozinho e abandonado, elabora o seu luto através do contato com os pássaros que substituem o pai enquanto figura de apego.

É possível dizer que a mãe e os irmãos projetaram seu luto em outras instâncias talvez para não sentirem a dor da perda conforme anuncia Kovács quando menciona que: “ver a perda como fatalidade, ocultar os sentimentos, eliminar a dor, apontar o crescimento possível diante dela, podem ser formas de negar os sentimentos que a morte provoca, para não sofrer” (KOVÁCS, 2010, p. 154). Destarte, direcionar a atenção para o isolamento do filho mais novo serviu como uma estratégia para que essa parte do núcleo familiar pudesse lidar com o seu luto.

Solano (2014) entende que o luto não é uma doença. Na opinião do autor, “(...) é praticamente impossível que o enlutado não venha a sentir, em algum grau e por algum tempo, tristeza, insegurança, raiva, ansiedade, medo, etc.” (SOLANO, 2014, p. 95), o que não significa que a pessoa esteja adoecida. Esse tipo de sentimento deve aflorar justamente para que o luto seja elaborado, sendo que, nesse contexto, cada pessoa precisa de um tempo particular para que esse processo de elaboração seja levado a cabo (SOLANO, 2014).

Nesse sentido é possível compreender no texto de Oe, reminiscência de uma sociedade que não lida bem com uma série de problemas que causam sofrimento psíquico, como proposto pelo sociólogo coreano Byung-Chull Han. Segundo este pensador, a sociedade contemporânea se caracteriza pela necessidade constante de desempenho o que faz com que qualquer elemento que não permita a pessoa atuar no sentido proposto por essa característica, seja considerado inadequado (HAN, 2018).

A tristeza inerente ao luto é algo que pode impedir que a pessoa desempenhe as suas funções de maneira adequada. Adaptar-se ao mundo após a perda de um ente querido também é uma situação que acarreta em uma série de elementos que podem ser considerados disfuncionais. Para Elias, o mundo ocidental criou convenções sociais estereotipadas com o intuito de amenizar esta tristeza, porém como elas se revelam vazias de sentido, não suprem as necessidades emocionais que a perda de uma pessoa amada acarreta. Segundo o autor:

A convenção social fornece às pessoas umas poucas expressões estereotipadas ou formas padronizadas de comportamento que podem tornar mais fácil enfrentar as demandas emocionais de tal situação. Frases convencionais e rituais ainda estão em uso, porém mais pessoas do que antigamente se sentem constrangidas em usá-las, porque parecem superficiais e gastas (Elias, 2001, p. 32).

Dito de outra forma e analisando as palavras do pensador alemão é possível afirmar que a sociedade contemporânea incorreu em um alto avanço tecnológico desenvolvido rapidamente, porém este avanço não alcançou as necessidades emocionais e psicológicas desta sociedade fazendo com que haja uma séria dificuldade em tratar de aspectos que envolvam o sofrimento decorrente da morte, e conseqüentemente dificuldades em tratar da elaboração do sentimento de luto, algo que é perceptível através da leitura do conto de Kenzaburo Oe.

### Considerações finais

Quando da leitura do conto de Kenzaburo Oe torna-se possível afirmar que a vivência do luto é uma experiência individual e que, em alguns casos, a negação em relação a dor da perda faz com que ocorram projeções de sentimentos como caso do que ocorre no âmbito familiar do rapaz que convive com os pássaros.

Enquanto ele opta pelo isolamento e encontra na solidão uma forma de elaborar a dor que a morte do pai acarreta, a mãe define este comportamento como doentio, o que a faz procurar auxílio médico para ele; e os irmãos acabam por unir-se ainda mais, deixando de fora o jovem, tornando possível compreender que o seu apego ao pai e a relação de afeto nutrida por ambos era primordial para o rapaz. Em nenhum momento da história sabe-se de estratégias outras utilizadas pela mãe e pelos irmãos para o enfrentamento desta perda, salvo questionar a estratégia encontrada pelo rapaz dos pássaros.

A figura paterna consistia em um laço que garantia ao jovem a segurança necessária e fundamental à sobrevivência, possibilitando que ele preenchesse a sua vida com esta partilha de sentimentos. Destarte, ao perder o pai, o rapaz encontrará nos pássaros a mesma sensação de gratificação, proteção e segurança que a relação com o pai lhe conferia.

O estudo do conto mostra que o luto é uma experiência inerente a todo o ser humano e que em algum momento da existência todas as pessoas irão enfrentar uma situação em que a perda de um ente querido, de um objeto de afeição ou de um arranjo familiar, levará a manifestação de sentimentos de tristeza, mágoa, raiva e mesmo culpa.

Neste sentido, os textos teóricos utilizados para análise do conto de Oe apontam para a perspectiva de que esta situação de sofrimento deve ser vivenciada, justamente para que possa ser reelaborada e a memória em torno da perda seja construída, permitindo a recuperação da pessoa que passa pelo processo de luto.

Salienta-se que o grande problema percebido neste contexto está no fato de que a sociedade contemporânea, pela sua forma de organização característica, busca ocultar e suprimir manifestações de dor e tristeza, da mesma forma como busca ocultar a morte e todos os elementos que constituem parte integrante do processo de morte e morrer. Esse tipo de ação promove uma profunda dor psíquica nos sujeitos acarretando em psicopatologias devido ao processo de luto mal elaborado.

## Referências

- ASSUMPCÃO, E. A. **Sobre o Viver e o Morrer**: manual de tanatologia e biotanatologia para os que partem e para os que ficam. 2 ed. ampliada, Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FRANCO Jr., A. Operadores de Leitura da Narrativa. in: BONNICI, T., ZOLIN, L. O. (orgs). **Teoria da Literatura**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3 ed. rev. e amp., Maringá: EDUEM, 2009, p. 33-58.
- HAN, B.C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- KOVÁCS, M. J. Morte, separação, perdas e o processo de luto. in: KOVÁCS, M. J. (org). **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- MENEZES, A. N., MEDEIROS, M. M. **Dicionário Crítico de Tanatologia**. Dourados: Editora UEMS, 2020.
- OE, K. Os pássaros. in: OE, K. **14 Contos de Kenzaburo Oe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ROSELLÓ, F. T. **Antropologia do Cuidar**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- SANTOS, S. R. B. A teoria do apego e o luto. in: SANTOS, F. S., SCHLIEMANN, A. L., SOLANO, J. P. (orgs). **Tratado Brasileiro sobre Perdas e Luto**. São Paulo: Atheneu Editora, 2014, p. 99-107.
- SOLANO, J. P. Luto e saúde mental. in: SANTOS, F. S., SCHLIEMANN, A. L., SOLANO, J. P. (orgs). **Tratado Brasileiro sobre Perdas e Luto**. São Paulo: Atheneu Editora, 2014, p. 95-97.
- SOLANO, J. P. Modelos de luto “normal”. in: SANTOS, F. S., SCHLIEMANN, A. L., SOLANO, J. P. (orgs). **Tratado Brasileiro sobre Perdas e Luto**. São Paulo: Atheneu Editora, 2014, p. 109-112.
- SOLANO, J. P. Luto complicado (ou traumático, ou patológico). in: SANTOS, F. S., SCHLIEMANN, A. L., SOLANO, J. P. (orgs). **Tratado Brasileiro sobre Perdas e Luto**. São Paulo: Atheneu Editora, 2014, p.113-116.
- SILVA, A. C. O. Conceituando o luto. in: SANTOS, F. S., SCHLIEMANN, A. L., SOLANO, J. P. (orgs). **Tratado Brasileiro sobre Perdas e Luto**. São Paulo: Atheneu Editora, 2014, p. 71-77.
- SORTE Jr., W. F. Uma visão crítica da juventude japonesa no período pós-guerra: análise do conto "Um trabalho estranho", de Kenzaburō Ōe. **Literatura: teoría, historia, crítica**, Bogotá, v. 21, n. 1, p. 297-319, jun. 2019. Disponível em:  
<[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0123-59312019000100297&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-59312019000100297&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 05 out. 2021.
- TODOROV, T. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.